

A VIOLÊNCIA SEXUAL NAS RELAÇÕES DE NAMORO ENTRE JOVENS EM PORTUGAL: O CONSENTIMENTO PARA BEIJAR E TER RELAÇÕES SEXUAIS

 *Ana Simão Marques**

 *Margarida Pacheco***

 *Cátia Pontedeira****

 *Camila Iglesias*****

 *Liliana Rodrigues******

Resumo

Este artigo analisa a prevalência e legitimação da violência sexual no namoro em jovens em Portugal, com foco no consentimento. Com base no “Estudo Nacional sobre Violência no Namoro” (2025), foram inquiridas/os 6732 jovens (idade média: 15,16 anos) através de um questionário. Os dados revelam elevada vitimação (18,3%) e legitimação de comportamentos de violência sexual: 32,9% não consideram violência pressionar para beijar em público e 10,2% legitimam a pressão para ter relações sexuais. Relativamente a questões de género, as raparigas reportam mais vitimação e os rapazes demonstram maior legitimação. Os resultados evidenciam a urgência de programas educativos sobre consentimento e prevenção da violência de género desde cedo.

Palavras-chave: Violência no namoro, violência sexual, consentimento, pressão para beijar, pressão para relações sexuais.

* Centro de Psicologia da Universidade do Porto (CPUP), 4200-135 Porto, Portugal.
Endereço postal: Rua Alfredo Allen, s/n, 4200-135 Porto, Portugal.

Correio eletrónico: up202203880@edu.fpce.up.pt

** União de Mulheres Alternativa e Resposta (UMAR), 1300-149 Alcântara, Lisboa, Portugal.
Endereço postal: R. da Cozinha Económica, Bloco D 30M-N, 1300-149 Alcântara, Lisboa, Portugal.

Correio eletrónico: anamargarida_91@hotmail.com

*** Centro Interdisciplinar de Estudos de Género do Instituto de Ciências Sociais e Políticas da Universidade da Maia (CIEG/UMAIA), 4475-690 Maia, Portugal.
Endereço postal: Av. Carlos de Oliveira Campos, 4475-690 Maia, Portugal.

Correio eletrónico: catiapontedeira@umaia.pt

**** Centro de Estudos Avançados em Direito Francisco Suárez (CEAD), Faculdade de Direito da Universidade Lusófona de Lisboa, 1749-024 Lisboa, Portugal.
Endereço postal: Av. do Campo Grande, 376, 1749-024 Lisboa, Portugal.

Correio eletrónico: camilaiglesias04@gmail.com

***** InED – Centro de Investigação e Inovação em Educação da Escola Superior de Educação do Politécnico do Porto, 4200-465 Porto, Portugal.
Endereço postal: R. Dr. Roberto Frias, 602, 4200-465 Porto, Portugal.
Correio eletrónico: frodrigues.liliana@gmail.com

Abstract

Sexual Violence Within Teen Dating in Portugal: The Consent to Kiss and to Have Sexual Intercourse

This article analyzes the prevalence and legitimization of sexual violence in dating relationships among young people in Portugal, focusing on consent. Based on the “National Study on Dating Violence” (2025), 6,732 youths (average age: 15.16) were surveyed through a questionnaire. The data reveal a high rate of victimization (18.3%) and normalization of sexually violent behaviors: 32.9% do not consider pressuring for public kissing as violence, and 10.2% legitimize pressure to have sexual intercourse. Regarding gender, girls report higher victimization, while boys show greater legitimization. The findings highlight the urgent need for early educational programs on consent and gender-based violence prevention.

Keywords: Dating violence, sexual violence, consent, pressure to kiss, pressure to have sexual relations.

Resumen

La violencia sexual en las relaciones de pareja entre jóvenes en Portugal: consentimiento para besarse y tener relaciones sexuales

Este artículo analiza la prevalencia y la legitimación de la violencia sexual en las relaciones de noviazgo entre jóvenes en Portugal, centrándose en el consentimiento. Basado en el “Estudio Nacional sobre la Violencia en el Noviazgo” (2025), se encuestaron 6.732 jóvenes (edad media: 15,16 años) mediante un cuestionario. Los datos revelan una alta tasa de victimización (18,3%) y normalización de violencia sexual: 32,9% no considera violencia presionar para besarse en público y 10,2% legitima la presión para mantener relaciones sexuales. Las chicas reportan más victimización y los chicos muestran mayor legitimación. Los resultados evidencian la urgencia de programas educativos sobre consentimiento y prevención de la violencia de género.

Palabras clave: Violencia en el noviazgo, violencia sexual, consentimiento, presión para besar, presión para tener relaciones sexuales.

Introdução

A violência de gênero é considerada um problema de saúde pública, sendo a violência sexual (VS) uma forma de violência de gênero que afeta desproporcionalmente mulheres e meninas no mundo inteiro, para além de um atentado aos Direitos Humanos (Conselho da Europa 2011; WHO 2014). A VS tem consequências a nível sexual, físico, psicológico, emocional e social para as vítimas, podendo ter impactos a curto, médio e longo prazo (Sigurdardottir & Halldorsdottir 2021; Clarke et al. 2023). Considera-se VS o pressionar, obrigar e/ou coagir alguém a praticar qualquer ato de caráter sexual não consentido (Conselho da Europa 2011; WHO 2014; EIGE 2017). O consentimento sexual mútuo, entendido como um acordo claro e consciente para realizar um ato sexual de forma voluntária, informada e específica, sem manipulações e pressões, é fundamental numa relação não abusiva (Conselho da Europa 2011; Information and Privacy Commission New

South Wales 2023). Investigações feministas recentes têm-se centrado nas políticas de consentimento afirmativo, mostrando-se eficazes na promoção do consentimento verbal, entusiástico e da liberdade em recusar qualquer ato íntimo (Metz et al. 2020). Estes programas defendem que o consentimento pode ser retirado a qualquer momento e que a existência de uma relação amorosa ou contactos sexuais prévios entre as pessoas envolvidas não deve ser interpretada como consentimento automático (Metz et al. 2020). Ainda assim, a VS no contexto de intimidade continua a ser uma das formas de VS menos identificada e mais legitimada (Lundgren & Amin 2015; Thomas, Himmen & Jung 2022). Isto porque a sexualidade integra a maioria das relações íntimas, tornando difícil a própria vítima reconhecer situações de VS (Thomas, Himmen & Jung 2022). Esta dificuldade é complexificada nos relacionamentos de namoro entre jovens, por vários motivos. O termo “jovens” é aqui utilizado para abranger adolescentes e jovens adultos entre os 10 e 22 anos, faixa etária correspondente à amostra do estudo. Marca-se como um período de construção de identidade e de exploração da sexualidade onde a necessidade de pertença e aceitação torna os/as jovens particularmente sensíveis à influência dos pares (Tomova, Andrews & Blakemore 2021; Tsagem 2022, 71-98), deixando-os mais permeáveis a normalizar situações de violência, incluindo a VS (Banyard et al. 2022; Bendixen & Kennair 2024).

O presente artigo centra-se na problemática da VS nas relações de namoro entre jovens, explorando alguns dos indicadores de vitimação e legitimação no que diz respeito à pressão para beijar em público e para ter relações sexuais e a influência do género nestas dimensões.

Violência no namoro entre jovens

Na Europa, a prevalência de violência em relações afetivas entre jovens é significativa, sendo a violência psicológica a mais prevalente, envolvendo comportamentos de controlo e/ou medo (Tomaszewska & Schuster 2021; Vives-Cases et al. 2021). Em Portugal, os resultados longitudinais do “Estudo Nacional sobre Violência no Namoro em Portugal: Vitimação e conceções juvenis” revelam que a violência no namoro está fortemente presente e a sua legitimação constitui um problema preocupante na população jovem (Pacheco et al. 2024; Magalhães et al. 2024; 2025). Esse estudo em 2024 revelou que 63 % dos/as jovens portugueses/as do 7.º ao 12.º ano já experienciaram pelo menos um indicador de vitimação em contexto de namoro, sendo as formas mais prevalentes o controlo (45,5 %) e a violência psicológica (39,9 %) (Pacheco et al. 2024). Além disso, 68,1 % das pessoas participantes não identificaram pelo menos um dos quinze comportamentos questionados como violência, destacando-se a legitimação de comportamentos de controlo (54,6 %) e violência psicológica (33,5 %) e sexual (30 %) (Pacheco et al. 2024). Os dados também indicam diferenças marcantes entre géneros: as raparigas

são mais frequentemente vítimas, enquanto os rapazes legitimam significativamente mais formas de violência, evidenciando a reprodução de estereótipos de género e relações de poder assimétricas desde a juventude (Pacheco et al. 2024). Estas dinâmicas mostram como os papéis tradicionais de masculinidade e feminilidade influenciam a forma como o controlo e o ciúme são expressos e legitimados socialmente. Conforme argumenta Connell (1987; 2005), as concepções hegemónicas de masculinidade associam o poder e a autoridade ao homem, enquanto a feminilidade é associada a dependência emocional e passividade. Tal enquadra-se numa perspetiva de construção social do género, onde normas e expectativas culturais definem comportamentos aceitáveis para homens e mulheres, sustentando também o duplo padrão sexual, que valoriza a atividade sexual masculina e sanciona a feminina (Crawford & Popp 2003). Esta hierarquia simbólica contribui para a naturalização de comportamentos de dominação masculina e de tolerância face à violência contra as mulheres (Dobash & Dobash 1992). Assim, a violência no namoro pode ser entendida como uma manifestação relacional dessas hierarquias de género, refletindo a interiorização de normas sociais que reproduzem desigualdades e se perpetuam na idade adulta (Harper, Jones & Watson 2012; García-Moreno et al. 2015; Haberland & Rogow 2015).

Violência sexual nas relações de intimidade entre jovens

De acordo com o relatório de 2024 do “Estudo Nacional sobre Violência no Namoro em Portugal: Vitimação e concepções juvenis”, 18,5% das pessoas participantes experienciaram a VS em contextos de namoro (Magalhães et al. 2024). As manifestações de VS nas relações de namoro juvenil são várias: partilha não consentida de conteúdos íntimos, pressionar a pessoa parceira a ver pornografia, toques, carícias, beijos indesejados, coação para relações sexuais e violação (Bendixen & Kennair 2024). A tentativa ou pressão para beijar ou ter relações sexuais também é considerada VS, embora pouco visível na literatura (Sugg 2015; Glowacz et al. 2018; Morrison-Beedy & Grove 2018). Estes comportamentos refletem a normalização de comportamentos de intimidade forçada, frequentemente minimizados ou desvalorizados socialmente. A coação sexual, entendida como o ato de obrigar por intimidação, força ou violência a ter qualquer contacto sexual, pode ocorrer durante as relações de intimidade na adolescência, como evidenciado por Glowacz e colegas (2018). O estudo com adolescentes belgas revelou que a ação de *beijar sem consentimento* foi a mais perpetrada e reportada entre os/as adolescentes, associada a outras formas de VS, como toques ou relações sexuais forçadas. Além disso, a investigação demonstrou uma relação entre atitudes e práticas de VS, sugerindo que a legitimação destas condutas reforça a sua perpetração entre os rapazes e aumenta a vulnerabilidade à vitimação nas raparigas (Glowacz et al. 2018). Esta relação torna-se particularmente relevante no contexto português,

onde em 2024 cerca de 30% dos jovens legitimaram determinados comportamentos de VS, revelando a persistência de normas culturais permissivas em relação à violência na intimidade (Magalhães et al. 2024). À luz da teoria do *continuum* da coerção proposta por Liz Kelly (1988), a VS deve ser entendida, não como um conjunto de episódios isolados e extremos, mas como parte de um espectro contínuo de comportamentos coercivos e de controlo masculino. Segundo Kelly (1988), atos aparentemente menores, como tentativas ou pressões para beijar, integram o mesmo espectro que inclui formas mais graves de VS, como a violação, pois todos possuem o objetivo comum de dominação e limitação da autonomia das mulheres, potenciado pelas normas patriarcais presentes na sociedade.

Abordar a violência sexual e o consentimento junto de pessoas jovens é essencial, dado que se encontram numa fase de descoberta e construção da sua sexualidade, em que é crucial questionar estereótipos e mitos sobre relações afetivas e sexuais (Magalhães et al. 2020; Tsagem 2022, 71-98). Esta prioridade é também reconhecida pela Diretiva (UE) 2024/1385 do Parlamento Europeu e do Conselho, que enfatiza a educação e sensibilização como meios de prevenção da violência de género. Assim, a VS nas relações de namoro entre jovens deve ser entendida como um fenómeno persistente e enraizado em desigualdades de género. Este artigo pretende colmatar lacunas na literatura, analisando a incidência e legitimação destas formas de violência em Portugal, destacando a relevância de uma perspetiva de género para compreender como o poder e as normas sociais moldam a perceção, a expressão e a normalização da violência nas relações juvenis.

Método

Este estudo quantitativo transversal descritivo tem como objetivo compreender os indicadores de vitimação e legitimação da violência no namoro em contexto juvenil e foi implementado em contexto escolar em escolas públicas de todos os distritos e regiões autónomas, com jovens a frequentar entre o 7º e 12º ano de escolaridade. A recolha de dados decorreu entre novembro de 2024 e janeiro de 2025, presencialmente. A definição utilizada para violência no namoro é qualquer ato de violência (física, psicológica, sexual, perseguição, manifestação de controlo e/ou violência através das redes sociais) que decorra durante ou após uma relação íntima seja num relacionamento amoroso, de namoro ou ocasional (Moreira et al. 2021)

Instrumento

O instrumento utilizado neste estudo foi um questionário inédito de autopreenchimento composto por 15 questões de resposta fechada, corresponden-

tes a 15 comportamentos indicadores de violência do namoro. O questionário é de preenchimento individual, anónimo e confidencial e foi elaborado por uma equipa da UMAR especializada em educação, pedagogia, psicologia e prevenção da violência de género, com base na literatura sobre prevalência e legitimação da violência no namoro e na experiência da equipa de investigação em programas de prevenção escolar. É um instrumento acessível em termos de linguagem, fácil e rápido de preencher com uma duração média de 15 minutos.

Relativamente às questões sociodemográficas, era pedido o género, idade e experiência em relação de namoro ou intimidade dos/as participantes. As questões sobre violência no namoro distribuem-se em duas grandes dimensões: i) indicadores de vitimação e ii) legitimação. Na primeira dimensão, os/as jovens foram questionados/as se alguma vez vivenciaram numa relação de namoro algum dos comportamentos descritos; na segunda dimensão, foram questionados/as sobre se consideram aqueles comportamentos enquanto violência no namoro. Todas as questões são limitadas às respostas “Sim” ou “Não”. Foram incluídos/as no estudo os/as jovens que afirmaram ter ou ter tido uma relação e responderam “Sim” a pelo menos um comportamento violento, sendo classificados/as como apresentando *indicadores de vitimação*. Optou-se por esta designação e não simplesmente *vitimação*, uma vez que o questionário não explora de forma aprofundada o contexto nem a experiência vivida, limitando-se a sinalizar possíveis indicadores de violência. De forma semelhante, quem não considera estes comportamentos como violência no namoro foi classificado/a como jovem que legitima esses comportamentos. Importa referir que termos como “vítima” ou “violência” foram omitidos propositadamente, pois os/as jovens nem sempre se identificam como vítimas ou reconhecem certos atos como violentos. O uso dessas palavras poderia condicionar as respostas pela sua carga semântica.

Os 15 comportamentos do questionário constituem formas de violência no namoro, agrupando-se em 6 categorias: psicológica, física, sexual, perseguição, comportamentos de controlo e violência através das redes sociais. As categorias de violência consideradas englobam a violência psicológica, que inclui situações de insultos, ameaças e humilhações; o controlo, expresso através de proibições de sair, falar com amigos ou escolher a própria roupa; a violência nas redes sociais, relacionada com a partilha não autorizada de conteúdos íntimos e com insultos em contextos virtuais; a VS, que abrange a pressão para beijar em público e para ter relações sexuais; e a perseguição manifestada em comportamentos de incomodar e procurar insistentemente a outra pessoa. Exemplos de comportamentos seriam “Pressionar para beijar” e “Procurar insistentemente”. Este artigo foca-se nos resultados sobre VS, em particular na prevalência e legitimação da coação para beijar em público e da pressão para ter relações sexuais.

Procedimento

O instrumento de recolha de dados é aprovado anualmente pelo Ministério da Educação. Após a aprovação, a equipa de investigação contacta as direções escolares para convidar à participação no estudo. Em cada Distrito e Regiões Autónomas, são escolhidas pelo menos quatro escolas, de zonas urbanas e rurais, garantindo representatividade. Em cada escola, são selecionadas aleatoriamente no mínimo quatro turmas do 3º ciclo, ensino profissional ou secundário, consoante a disponibilidade horária. A direção articula com os/as diretores/as de turma para distribuir o consentimento informado aos encarregados/as de educação. A participação das/os jovens depende dessa autorização e do seu próprio consentimento assinado.

Durante a recolha, em horário letivo e na sala de aula, a equipa explica os objetivos e a metodologia, orienta o preenchimento e assegura anonimato, confidencialidade e respeito pelos direitos das/os participantes. No momento do preenchimento do questionário em papel, reforça-se a importância da participação e da sinceridade dos/as jovens. É explicado que os resultados são nacionais, sem identificação das escolas e, por isso, nem as/os docentes, nem as/os encarregadas/os de educação irão saber as suas respostas. A equipa informa que não circulará pela sala (nem a/o docente), assegurando privacidade, que dúvidas são esclarecidas individualmente e, após concluírem o questionário, cada participante deve virá-lo ao contrário. Depois das explicações, pergunta-se às/aos jovens com o consentimento das/os encarregadas/os de educação se têm interesse em participar. No final, a equipa agradece a participação e informa que irão receber os resultados do estudo. É ainda explicado que a violência de namoro é crime em Portugal e que, em caso de vivência ou conhecimento de uma situação de violência, deve pedir ajuda a uma pessoa adulta de confiança.

Amostra

A amostra é constituída por 6732 jovens que vivem em Portugal, em que 53,5% se identificaram como do género feminino (n=3619), 44,9% do género masculino (n=3020), 0,8% identificaram-se como tendo outro género (n=57) e 0,5% (n=36) não respondeu. A idade média da amostra é de 15,16 anos (Min: 10, Max: 22, DP = 1,681). Do total de participantes, 67% (n=4493) referiram ter ou já ter tido uma relação de namoro ou de intimidade.

Questões éticas

Consideramos que as questões éticas merecem um destaque inequívoco, uma vez que, para além da sensibilidade do tema (violência no namoro), o estudo

envolve uma amostra composta por jovens menores de idade, o que torna necessário o consentimento dos/as seus/suas encarregadas/os de educação/representantes legais, além do seu, para a participação neste estudo. Esta dupla autorização assegura que a participação é voluntária, consciente e informada. Importa recordar que é garantido às escolas e aos/as jovens o direito de recusar participar ou de interromper a sua participação neste estudo a qualquer momento, sem consequências e sem qualquer compensação pela participação neste estudo. Os dados recolhidos nunca são associados a qualquer informação pessoal identificável, sendo armazenados de forma segura e acessíveis apenas à equipa de investigação autorizada. Ademais, as escolas participantes não são identificadas nos resultados. Por fim, reconhecendo o potencial impacto emocional dos temas abordados, a equipa disponibiliza às pessoas participantes, no final da sessão, os contactos das suas redes sociais, onde podem encontrar informação sobre os resultados anteriores do estudo, bem como recursos e contactos dos serviços de apoio especializado para situações de violência no namoro.

Pressupostos de análise de dados

Os dados foram analisados com recurso ao *software IBM SPSS Statistics* (versão 30). Inicialmente, procedeu-se a uma análise descritiva das variáveis, com o objetivo de caracterizar a amostra e identificar prevalências gerais nos dados sobre a vitimação e também legitimação. Foram calculadas frequências absolutas para as variáveis categóricas, bem como médias, desvios-padrão para as variáveis contínuas (ex. idade dos/as jovens). Além desta análise descritiva, neste artigo apresenta-se também uma análise inferencial dos dados sobre a VS. Para tal recorreu-se ao teste do qui-quadrado de independência (χ^2) para analisar possíveis associações estatisticamente significativas entre o género dos/as participantes (especificamente masculino e feminino) e os indicadores de vitimação e legitimação.

Para as respostas referentes aos indicadores de vitimação apenas se consideraram as respostas das pessoas que identificaram já ter tido alguma relação de namoro ($n=4493$). Já para a prevalência da legitimação, considerou-se toda a população em estudo ($N=6732$), uma vez que as suas perceções não dependem de relações prévias. Para as análises inferenciais comparativas em relação ao género dos/as participantes, optou-se por comparar apenas as respostas das pessoas que se identificaram com o género feminino ($n=53,8\%$) com as pessoas que se identificaram com o género masculino ($n=44,9\%$), uma vez que o número total de pessoas que se identificam com outros géneros é muito inferior e não permitiria uma comparação equilibrada e adequada.

Em todas as questões apenas se consideraram as percentagens válidas, tendo sido identificados como *missings* e, portanto, excluídas da análise todas as respos-

tas em branco dos/as participantes. Foi considerada uma significância estatística de 5% ($\alpha = 0,05$), correspondendo a um intervalo de confiança de 95%.

Resultados

A secção dos resultados está organizada em três partes distintas. A primeira parte refere-se aos *indicadores de vitimação* e a *legitimação da violência no namoro* de forma geral, procurando-se, assim, caracterizar de forma breve as dinâmicas de violência nas relações íntimas entre jovens. A segunda parte foca-se especificamente nos *indicadores de vitimação e legitimação na violência sexual* nos comportamentos entre jovens. A terceira parte integra uma análise sobre o *impacto do género* nos *indicadores de vitimação e legitimação na violência sexual*.

Indicadores de vitimação e legitimação da violência no namoro

Embora o foco do presente artigo recaia essencialmente sobre a VS e os comportamentos a ela associados, neste primeiro momento da análise de dados optou-se por apresentar os resultados referentes à globalidade do estudo com a finalidade de oferecer um panorama mais alargado acerca dos indicadores de vitimação e legitimação das diferentes formas de violência no namoro entre jovens em Portugal. O que se pretende é uma contextualização dos dados e compreender a VS segundo uma perspetiva mais ampla que se relaciona com outras dinâmicas de violência no namoro também reportadas pelos/as jovens participantes.

A Tabela 1 apresenta a distribuição das respostas dos/as participantes relativamente aos indicadores de vitimação ($n=4493$) e à legitimação ($N=6737$) das diferentes formas de violência elencadas no questionário. Importa recordar que relativamente à legitimação, o total de participantes consideradas/os é o total amostral do estudo sobre a violência no namoro ($N=6737$). Contudo, relativamente aos indicadores de vitimação, apenas foram consideradas as respostas daqueles/as que afirmaram já terem estado ou estarem numa relação de namoro ($n=4493$).

No que se refere aos indicadores de vitimação, as formas de violência mais reportadas foram o controlo ($n=2283$; 50,8%), seguido da violência psicológica ($n=1793$; 39,9%) e da perseguição ($n=993$; 22,1%). A VS, por sua vez, foi reportada por 18,3% dos/as participantes ($n=821$), enquanto a violência através das redes sociais foi mencionada por 19,8% ($n=890$) e a violência física por 12,0% ($n=539$). Quanto à legitimação, os dados confirmam também percentagens mais elevadas para as formas de controlo (63,6%; $n=4286$) e violência psicológica (35,3%; $n=2379$). A perseguição foi legitimada por 35,4% dos/as participantes ($n=2384$), a violência através das redes sociais por 23,5% ($n=1581$) e a VS por 14,5% ($n=975$). Expectavelmente, a violência física apresentou a menor percentagem de legitimação entre os/as jovens, com 8,8% ($n=594$).

Tabela 1
Indicadores de vitimação e de legitimação em relação à violência no namoro

	Indicadores de vitimação				Legitimação			
	n = 4493				N = 6732			
	Sim		Não		Sim		Não	
Formas de violência	n	%	n	%	n	%	n	%
Violência sexual	821	18,3	3672	81,7	2301	34,2	4431	65,8
Controlo	2283	50,8	2210	49,2	4280	63,6	2452	36,4
Violência psicológica	1793	39,9	2700	60,1	2379	35,3	4353	64,7
Violência através das redes sociais	890	19,8	3603	80,2	1307	19,4	5425	80,6
Perseguição	993	22,1	3457	76,9	2384	35,4	4348	64,4
Violência física	539	12,0	3954	88,0	590	8,8	6142	91,2

Fonte: Elaboração própria.

No que diz respeito aos indicadores de vitimação nas relações de namoro e especificamente no contexto sexual, pela Tabela 2 é possível observar-se que 12,5% dos/as participantes (n=556) relataram ter sido pressionados/as a beijar em público o/a seu companheiro/a, enquanto 9,4% (n=421) indicaram ter sido pressionados/as a ter relações sexuais.

Tabela 2
Indicadores de vitimação no contexto de VS

Indicadores de vitimação no contexto de violência sexual	Sim		Não	
	n	%	n	%
Pressionar para beijar em público	556	12,5	3890	87,5
Pressionar para ter relações sexuais	421	9,4	4022	89,5

Fonte: Elaboração própria.

No que respeita a legitimação de comportamentos associados à VS, conforme a Tabela 3, 32,9% dos/as participantes (n=2214) não consideraram violência no namoro pressionar alguém a beijar em público, enquanto 10,2% (n=686) legitimaram a pressão para ter relações sexuais. Ambos os comportamentos são muito claros no que diz respeito à ausência de consentimento por parte da vítima, não obstante é elevada a ausência de reconhecimento destes comportamentos como violência, e portanto, a sua legitimação.

Tabela 3
Legitimação de comportamentos no contexto de VS

Legitimação de comportamentos de violência sexual	Sim		Não	
	n	%	n	%
Pressionar para beijar em público	2214	32,9	4518	67,1
Pressionar para ter relações sexuais	686	10,2	6046	89,8

Fonte: Elaboração própria.

A Tabela 4 apresenta a associação entre género e indicadores de vitimização no contexto de VS. No que diz respeito a estes indicadores de VS, verificam-se diferenças estatisticamente significativas, com uma maior proporção de jovens raparigas a reportar indicadores de vitimação (20,5%), comparativamente com os rapazes (15,2%), $\chi^2 = 20,507$ ($p < 0,001$).

Em relação aos comportamentos de VS mais específicos, a tabela também apresenta dados de que 12,5% das raparigas reportaram já terem sofrido pressões para beijar em público ($n=308$), enquanto entre os rapazes esta percentagem é de 12,3% ($n=236$). Quanto ao comportamento de pressionar para ter relações sexuais, 12,5% das raparigas ($n=308$) reportaram já terem experienciado tal situação, e 5,4% ($n=104$) dos rapazes também o afirmaram. A associação entre a variável relativa ao comportamento de *pressionar para ter relações sexuais* e o género foi estatisticamente significativa, apresentando um valor de χ^2 de 63,193 ($p < 0,001$). Por outro lado, não se verificaram diferenças estatisticamente significativas na variável referente ao comportamento de *pressionar para beijar em público*.

Tabela 4
Associação entre género e indicadores de vitimação em contexto de VS

	Feminino				Masculino				x²
	Sim		Não		Sim		Não		
	n	%	n	%	n	%	n	%	
Forma de violência									
Violência sexual	510	20,5	1982	79,5	294	15,2	1643	84,4	20,507***
Comportamentos de VS									
Pressionar para beijar em público	308	12,5	2159	87,5	236	12,3	1680	87,7	,028
Pressionar para ter relações sexuais	308	12,5	2157	87,5	104	5,4	1812	94,6	63,193***
Nota: x² : Teste Qui--quadrado para amostras independentes; *p < .05; **p < .01; *** p < .001									

Fonte: Elaboração própria.

Tal como se fez anteriormente para os indicadores de vitimação, a Tabela 5 também explora a associação entre género e a legitimação da VS entre os/as jovens por meio da realização do teste do qui-quadrado. Em termos gerais, a legitimação da VS como forma de violência é notavelmente mais elevada entre os rapazes (45,8 %, n=1384) do que entre as raparigas (24,3%, n=881), evidenciando-se uma diferença significativa entre os grupos (χ^2 de 338,053, $p < 0,001$). Neste mesmo sentido, a legitimação do comportamento de pressionar para beijar em público também segue esta mesma tendência, apresentando valores superiores entre os rapazes (43,5%, n=1315) comparativamente às raparigas (23,9%, n=865), sendo igualmente significativa a diferença entre os grupos, $\chi^2 = 287,972$ ($p < 0,001$). Por fim, a legitimação do comportamento de pressionar para ter relações sexuais é significativamente superior entre os rapazes, sendo reportada por 17,6% (n=532), enquanto entre as raparigas esta legitimação apresenta-se entre 3,8% do total de participantes (n=138), ($\chi^2 = 345,66$, $p < 0,001$).

Tabela 5
Associação entre género e legitimação da VS

	Feminino				Masculino				x²
	n=3619				n=3020				
	Sim		Não		Sim		Não		
	n	%	n	%	n	%	n	%	
Formas de violência									
Violência sexual	881	24,3	2738	75,5	1384	45,8	1636	54,2	338,053***
Comportamentos de VS									
Pressionar para beijar em público	865	23,9	2754	76,1	1315	43,5	1705	56,5	287,972***
Pressionar para ter relações sexuais	138	3,8	3481	96,2	532	17,6	2488	82,4	345,660***
Nota: x² : Teste Qui-quadrado para amostras independentes; *p < .05; **p < .01; *** p < .001									

Fonte: Elaboração própria.

Discussão e conclusão

Com base nos resultados, a violência no namoro entre jovens em Portugal revela-se prevalente e amplamente legitimada, assumindo contornos preocupantes e complexos. Os comportamentos mais legitimados coincidem com os de maior

taxa de vitimação, em consonância com a literatura (Yorohan 2011; Glowacz et al. 2018; Pérez-Martínez et al. 2021).

A legitimação e a aceitação social de determinados comportamentos coercivos contribuem para que essas experiências deixem de ser reconhecidas como violência, o que leva à sua subnotificação. Assim, é essencial interpretar os resultados do nosso estudo à luz do contexto sociocultural que legitima determinadas práticas de coerção sexual, levando muitos/as jovens a não as reconhecerem como experiências de violência. Deste modo, o facto de a VS não ter sido o comportamento de violência no namoro mais reportado não significa necessariamente uma menor ocorrência real, mas antes reflete possíveis processos de normalização da coerção sexual. Mesmo considerando essa subnotificação, a VS afeta um quinto dos/as participantes: 12,5% (n=556) relataram ter sido pressionados/as a beijar em público e 9,4% (n=421) para ter relações sexuais. Estes dados sublinham a necessidade de um maior enfoque científico sobre formas específicas de coerção sexual subtil nas relações de namoro na adolescência, como a *pressão para beijar* ou a *pressão para ter relações sexuais*, frequentemente negligenciadas na literatura. Os dados revelam ainda a legitimação de comportamentos sexuais coercivos em relações de namoro: cerca de 33% não considera violência pressionar para beijar em público e cerca de 10% pressionar para ter relações sexuais. Estes resultados ilustram o que Gavey (1999, 58) descreve como vitimização sexual discursivamente normalizada, enraizada numa sociedade onde as expectativas de género moldam a perceção da violência, valorizando a iniciativa sexual masculina¹. Em concordância com Gavey (1999) e com a literatura atual, as raparigas reportam uma maior prevalência ao nível de indicadores de vitimação, enquanto os rapazes reportam uma maior legitimação de comportamentos de VS (Pacheco et al. 2024). A *pressão para ter relações sexuais* foi reportada por 12% das raparigas e 5,4% dos rapazes, refletindo a teoria do *continuum* da coerção de Liz Kelly (1988), onde formas mais subtis de VS reproduzem dinâmicas sociais e culturais que legitimam o poder masculino e a objetificação do corpo feminino. Neste sentido, a maior vitimação entre raparigas e a maior legitimação entre rapazes devem ser compreendidas à luz das assimetrias de género presentes nas relações afetivo-sexuais, nas quais os rapazes tendem a ser socializados para exercer poder e controlo, desenvolvendo um sentido de direito ou legitimidade sobre a atividade sexual, enquanto as raparigas são frequentemente socializadas para exercer um papel de maior passividade nas relações sexuais. Contudo, não se verificaram diferenças de género estatisticamente significativas no comportamento de *pressionar para beijar em público*, o que pode indicar que em comportamentos de menor intimidade, como o beijo, a pressão é experienciada de forma semelhante entre géneros. Tal reforça a importância de analisar separadamente os diversos tipos de comportamentos de violência

¹ Ver excerto original: “[...] the use of the term *sexual victimization* to refer to a broad range of arguably normative coercive heterosexual practices.”

no namoro, dada a persistência de atitudes permissivas face à VS, sublinhando a necessidade de aprofundar a reflexão sobre o consentimento no contexto das relações afetivo-sexuais juvenis com uma perspetiva de género, conforme assinalado por estudos anteriores (Dunn & Orchowski 2022; Oware et al. 2023).

Este estudo apresenta algumas limitações. O uso de um questionário de autorrelato pode implicar enviesamentos de resposta e subnotificação, sobretudo em temas sensíveis como a VS. Além disso, a ausência de dados qualitativos limita a compreensão das experiências subjetivas e contextuais da violência. Recomenda-se que futuras investigações combinem metodologias mistas e analisem a violência em diferentes tipos de relações afetivo-sexuais e contextos culturais, aprofundando os mecanismos de legitimação e as dinâmicas de consentimento entre jovens.

A violência no namoro juvenil associa-se a consequências negativas ao nível psicológico e educacional, como sintomas depressivos, *stress* pós-traumático, consumo de substâncias, menor ligação à escola e pensamentos de abandono escolar (Banyard & Cross 2008; Sugg 2015). O apoio social, parental e comunitário é um fator protetor relevante sobretudo para raparigas vítimas (Sugg 2015). Assim, torna-se imperativa uma abordagem educativa crítica e sustentada, capaz de promover mudanças efetivas nas atitudes e comportamentos dos/as jovens (CIG 2020). Essa abordagem deve incluir temas como consentimento, comunicação, sexualidade e igualdade de género (Magalhães et al. 2020; Lau et al. 2023), reconhecendo os/as jovens como agentes de mudança e não apenas como destinatários de políticas preventivas. Em suma, compreender a VS no namoro entre jovens implica considerar as dimensões culturais de legitimação e reconhecimento, articuladas com as desigualdades de género que estruturam as relações sociais e afetivas. Apenas através dessa análise crítica e contextualizada será possível construir políticas e práticas educativas eficazes e promover uma cultura efetiva de não violência e de consentimento.

Contributos das autoras

ASM: Concetualização; investigação; validação; redação do rascunho original; redação – revisão e edição.

MP: Concetualização; investigação; metodologia; validação; redação do rascunho original; redação – revisão e edição.

CP: Concetualização; análise formal; metodologia; validação; redação do rascunho original; redação – revisão e edição.

CI: Concetualização; análise formal; metodologia; validação; redação do rascunho original; redação – revisão e edição.

LR: Concetualização; metodologia; validação; redação do rascunho original; redação – revisão e edição.

Agradecimentos

Este estudo foi financiado pela Comissão para a Cidadania e a Igualdade de Género (CIG), a quem agradecemos o apoio fundamental para a sua concretização. Agradecemos também a todas as escolas e estudantes envolvidos/as, cujo contributo foi essencial. Uma palavra especial de agradecimento à coordenadora do estudo, Maria José Magalhães, bem como à equipa de investigação: Alícia Wiedemann, Ana Guerreiro, Ana Teresa Dias, Beatriz Pinto, Bianca Borges, Carina Jasmins, Cássia Gouveia, Joana Martins, Margarida Maia, Tatiana Mendes, Valentina Silva Ferreira, e às colaboradoras Deolinda Mendes, Lia Mendes, Luísa Salamanca, Mariana Costa, Maria João Gomes, Mariana Costa, Natália Mendes, Sara Lemos e à UMAR Açores – Associação para a Igualdade e Direitos das Mulheres, pelo seu empenho e dedicação em todas as fases do projeto.

Conflito de interesses

As autoras declaram que não possuem nenhum conflito de interesses.

Referências

- Banyard, Victoria L., & Charlene Cross. 2008. "Consequences of Teen Dating Violence: Understanding Intervening Variables in Ecological Context." *Violence Against Women* 14(9): 998-1013. <https://doi.org/10.1177/1077801208322058>
- Banyard, Victoria, Emily A. Waterman, Meghan M. Edwards, & Thomas W. Valente. 2022. "Adolescent Peers and Prevention: Network Patterns of Sexual Violence Attitudes and Bystander Actions." *Journal of Interpersonal Violence* 37(13-14). <https://doi.org/10.1177/0886260521997448>
- Bendixen, Mons, & Leif Edward Ottesen Kennair. 2024. "Risk Factors of Sexual Violence Perpetration and Victimization among Adolescents: A Study of Norwegian High School Students." *Scandinavian Journal of Psychology* 65(4): 792-802. <https://doi.org/10.1111/sjop.13016>
- CIG – Comissão para a Cidadania e a Igualdade de Género. 2019. *Guia de requisitos mínimos para programas e projetos de prevenção primária da violência contra as mulheres e violência doméstica*. https://www.cig.gov.pt/wp-content/uploads/2020/08/172-20_GUIA_REQUISITOS_MINIMOS.pdf
- Clarke, Venetia, Andra Goddard, Kaye Wellings, et al. "Medium-term Health and Social Outcomes in Adolescents Following Sexual Assault: A Prospective Mixed-Methods Cohort Study." *Social Psychiatry and Psychiatric Epidemiology* 58: 1777-1793. <https://doi.org/10.1007/s00127-021-02127-4>
- Connell, R. W. 1987. *Gender and Power: Society, the Person, and Sexual Politics*. Stanford University Press.
- Connell, R. W. 2005. *Masculinities*. 2nd ed. University of California Press.
- Conselho da Europa. 2011. *Convenção do Conselho da Europa para a Prevenção e o Combate à Violência Contra as Mulheres e a Violência Doméstica*. <https://rm.coe.int/168046253d>
- Crawford, Mary, & Danielle Popp. 2003. "Sexual Double Standards: A Review and Methodological Critique of Two Decades of Research." *Journal of Sex Research* 40(1): 13-26. <https://doi.org/10.1080/00224490309552163>

- Dobash, R. Emerson, & Russell P. Dobash. 1992. *Women, Violence and Social Change*. Routledge.
- Dunn, Hailee K., & Lindsay M. Orchowski. 2022. "Gender Equitable Attitudes, Rape Myth Acceptance, and Perceived Peer Approval of Violence as Correlates of High School Boys' Intention to Garner Sexual Consent." *Journal of Interpersonal Violence* 37(21-22): NP19688-NP19705. <https://doi.org/10.1177/08862605211042623>
- EIGE – European Institute for Gender Equality. 2017. *Glossary of Definitions of Rape, Femicide and Intimate Partner Violence*. https://eige.europa.eu/publications-resources/publications/glossary-definitions-rape-femicide-and-intimate-partner-violence?language_content_entity=en
- García-Moreno, Claudia, Charlotte Pallitto, Karen Devries, Heidi Stöckl, Charlotte Watts, & Naeema Abrahams. 2015. *Global and Regional Estimates of Violence Against Women: Prevalence and Health Effects of Intimate Partner Violence and Non-Partner Sexual Violence*. World Health Organization.
- Gavey, Nicola. 1999. "‘I Wasn’t Raped, but...’: Revisiting Definitional Problems in Sexual Victimization." In *New Versions of Victims: Feminists Struggle with the Concept*, edited by Sharon Lamb, 57-81. New York University Press.
- Glowacz, Fabienne, Margot Goblet, & Audrey Courtain. 2018. "Sexual Coercion in Adolescence: From Non-Consensual Sexuality to Sexuality under Constraint." *Sexologies* 27(2): e33-e37. <https://doi.org/10.1016/j.sexol.2018.02.010>
- Haberland, Nicole, & Deborah Rogow. 2015. "Sexuality Education: Emerging Trends in Evidence and Practice." *Journal of Adolescent Health* 56(1): S15-S21. <https://doi.org/10.1016/j.jadohealth.2014.08.013>
- Harper, Caroline, Nicola Jones, & Carol Watson. 2012. *Gender Justice for Adolescent Girls: Tackling Social Institutions*. Overseas Development Institute.
- Information and Privacy Commission New South Wales. 2023. *Fact Sheet – Consent*. June. <https://www.ipc.nsw.gov.au/fact-sheet-consent>
- Kelly, Liz. 1988. *Surviving Sexual Violence*. Polity Press.
- Lau, May, Kathleen P. Tebb, Melanie A. Baca, et al. 2023. "Promoting Sexual Consent Principles in the Sexual and Reproductive Health Care of Adolescents and Young Adults." *Journal of Adolescent Health* 73(1): 2005-209. <https://doi.org/10.1016/j.jadohealth.2023.04.002>
- Lundgren, Rebecka, & Avni Amin. 2015. "Addressing Intimate Partner Violence and Sexual Violence Among Adolescents: Emerging Evidence of Effectiveness." *Journal of Adolescent Health* 56(1): S42–S50. <https://doi.org/10.1016/j.jadohealth.2014.08.012>
- Magalhães, Maria José, Alícia Wiedemann, Ana Guerreiro, et al. 2025. *Violência no namoro em Portugal: vitimação e conceções juvenis*. Publicações UMAR.
- Magalhães, Maria José, Alícia Wiedemann, Beatriz Pinto, et al. 2024. *Violência no namoro em Portugal: vitimação e conceções juvenis*. Publicações UMAR.
- Magalhães, Maria José, Margarida Pacheco, Margarida Maia, et al. 2020. *Violências e violência de género: prevenção na escola*. Publicações UMAR.
- Metz, Julia, Kristen Myers, & Patricia Wallace. 2020. "‘Rape Is a Man’s Issue’: Gender and Power in the Era of Affirmative Sexual Consent." *Journal of Gender Studies* 30(1): 52-65. <https://doi.org/10.1080/09589236.2020.1834367>
- Moreira, Isabel, Maria Fernandes, Armando Silva, et al. 2021. "Intimate Relationships as Perceived by Adolescents: Concepts and Meanings." *International Journal of Environmental Research and Public Health* 18(5): 2256. <https://doi.org/10.3390/ijerph18052256>

- Morrison-Beedy, Dianne, & Linsey Grove. 2018. "Adolescent Girls' Experiences With Sexual Pressure, Coercion, and Victimization: #MeToo." *Worldviews on Evidence-Based Nursing* 15(3): 225-229. <https://doi.org/10.1111/wvn.12293>
- Oware, Phoebe Mesa, Katrine J. C. De Angeles, Wendy Ntinyari, et al. 2023. "'I Wouldn't Believe Her at First' – A Qualitative Study of Young People's Sexual Consent Perceptions and Negotiation in Nairobi Informal Settlements." *Journal of Interpersonal Violence* 38(21-22): 11520-11544. <https://doi.org/10.1177/08862605231185301>
- Pacheco, Margarida, Ana Teresa Dias, Bianca Borges, Beatriz Pinto, & Margarida Maia. 2024. "Prevalência, legitimação e prevenção da violência de namoro nas/os jovens." *Revista Interações* 20(69): 1-21. <https://doi.org/10.25755/int.37391>
- Pérez-Martínez, Vanesa, Belén Sanz-Barbero, Rosario Ferrer-Cascales, et al. 2021. "The Role of Social Support in Machismo and Acceptance of Violence among Adolescents in Europe: Lights4Violence Baseline Results." *Journal of Adolescent Health* 68(5): 922-929. <https://doi.org/10.1016/j.jadohealth.2020.09.007>
- Sigurdardottir, Sigrun, & Sigrídur Halldorsdóttir. 2021. "Persistent Suffering: The Serious Consequences of Sexual Violence against Women and Girls, Their Search for Inner Healing and the Significance of the #MeToo Movement." *International Journal of Environmental Research and Public Health* 18(4): 1849. <https://doi.org/10.3390/ijerph18041849>
- Sugg, Nancy. 2015. "Intimate Partner Violence: Prevalence, Health Consequences, and Intervention." *Medical Clinics of North America* 99(3): 629-649. <https://doi.org/10.1016/j.mcna.2015.01.012>
- Thomas, Mackenzie L., Marguerite K. Himmen, & Sandy Jung. 2022. "Sexual Violence Perpetration Against Intimate Partners: Current Progress and Future Directions." *Current Psychiatry Reports* 24: 661-670. <https://doi.org/10.1007/s11920-022-01373-w>
- Tomaszewska, Paulina, & Isabell Schuster. 2021. "Prevalence of Teen Dating Violence in Europe: A Systematic Review of Studies since 2010." *New Directions for Child and Adolescent Development* 178: 11-37. <https://doi.org/10.1002/cad.20437>
- Tomova, Livia, Jack L. Andrews, & Sarah-Jayne Blakemore. 2021. "The Importance of Belonging and the Avoidance of Social Risk Taking in Adolescence." *Developmental Review* 61: 100981. <https://doi.org/10.1016/j.dr.2021.100981>
- Tsagem, Shehu Yahaya. 2022. "The Adolescence Stage." In *Developmental Psychology: A Life-Span Approach*, edited by E. A. Akinade, 71-98. Brightways Publishers.
- Vives-Cases, Carmen, Belén Sanz-Barbero, Alba Ayala, et al. 2021. "Dating Violence Victimization among Adolescents in Europe: Baseline Results from the Lights4Violence Project." *International Journal of Environmental Research and Public Health* 18: 1414. <https://doi.org/10.3390/ijerph18041414>
- WHO – World Health Organization. 2014. *Global Status Report on Violence Prevention*. <https://www.who.int/publications/i/item/9789241564793>
- Yorohan, Romina. 2011. "The Relationship between Exposure to Violence, Acceptance of Violence and Engagement in Violence: A Study of Turkish Adolescence." PhD diss., İstanbul Bilgi Üniversitesi.

Ana Simão Marques. Doutoranda no Programa Doutoral em Sexualidade Humana da Universidade do Porto e mestre em Psicologia pela Universidade do Minho. A sua investigação centra-se nos estudos de género e sexualidade, áreas onde já publicou artigos científicos. Ademais, integra a União de Mulheres Alternativa e Resposta,

onde atua como voluntária, reforçando o seu compromisso com a promoção da igualdade de género.

Margarida Pacheco. Licenciada e Mestre em Ciências da Educação pela Universidade do Porto. Atualmente é coordenadora do Projeto ART²THEMIS+ da UMAR, programa de prevenção da violência de género em contexto escolar. Formadora e investigadora nas áreas: violência no namoro, violência sexual, maus-tratos às crianças e crimes de ódio.

Cátia Pontedeira. Professora de Criminologia na Universidade da Maia e na Universidade do Minho e membro integrado do Centro Interdisciplinar de Estudos de Género, do Instituto de Ciências Sociais e Políticas da Universidade de Lisboa (CIEG/ISCSP-ULisboa) e da UMAR – União de Mulheres, Alternativa e Resposta

Camila Iglesias. Licenciada em Direito, Mestre em Criminologia e doutoranda com bolsa FCT pela Faculdade de Direito da Universidade do Porto. Atua como formadora e investigadora em projetos nacionais e internacionais sobre as temáticas da igualdade de género, violência de género e crimes de ódio.

Liliana Rodrigues. Investigadora no Centro de Psicologia da Universidade do Porto, no Grupo de Investigação “Sexualidade e Género”. Doutorada em Psicologia pela U. Porto, com mestrado e licenciatura pela U. Minho. Desenvolve investigação sobre questões LGBTQIAPN+ numa perspetiva feminista, com diversas publicações na área. Participou e co-coordenou vários projetos financiados na área do género e sexualidades. É especialista da CIG e desde 2021 presidente da UMAR.

Artigo recebido em 19 de junho de 2025 e aceite para publicação em 14 de novembro de 2025.

Como citar este artigo:

[Segundo a norma Chicago]:

Marques, Ana Simão, Margarida Pacheco, Cátia Pontedeira, Camila Iglesias, & Liliana Rodrigues. 2025. “A violência sexual nas relações de namoro entre jovens em Portugal: o consentimento para beijar e ter relações sexuais.” *ex æquo* 52: 80-97. <https://doi.org/10.22355/exaequo.2025.52.07>

[Segundo a norma APA adaptada]:

Marques, Ana Simão, Pacheco, Margarida, Pontedeira, Cátia, Iglesias, Camila, & Rodrigues, Liliana (2025). A violência sexual nas relações de namoro entre jovens em Portugal: o consentimento para beijar e ter relações sexuais. *ex æquo*, 52, 80-97. <https://doi.org/10.22355/exaequo.2025.52.07>



Este é um artigo de Acesso Livre distribuído nos termos da licença Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivs (<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>), que permite a reprodução e distribuição não comercial da obra, em qualquer suporte, desde que a obra original não seja alterada ou transformada de qualquer forma, e que a obra seja devidamente citada. Para reutilização comercial, por favor contactar: apem1991@gmail.com